

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

*Jaminawa*

Fonte: A Gazeta

Class.: 11

Data: 30/11/91

Pg.: \_\_\_\_\_

Fotos: Sérgio Vale



Uma família de jaminawa está passando dificuldades no São Francisco

**Índios desgarrados estão na miséria**

Há vários dias índios da tribo Jaminawa, da região de Brasília, estão acampados na margem do igarapé São Francisco, bem próximo à ponte — depois do Distrito Industrial. Contam que não têm apoio da Funai, comem restos que ganham nos mercados e reclamam de ataques de marginais prometendo, inclusive, que a qualquer hora podem matar um deles para se defenderem.

Ao todo são 22 índios, a maioria crianças. Eles vieram de Brasília há cerca de 8 dias, de carona em um caminhão. Foram deixados na ponte nova. Depois ficaram peregrinando durante algum tempo, até chegarem ao lugar onde estão morando.

Uns dizem que vieram para Rio Branco para passar. Outros, porque parentes vão receber dinheiro da Funai e outros porque estão brigados com o resto da tribo. Na verdade, falam

português com dificuldades. Pelo que deu para entender, trata-se de índios desgarrados da tribo.

Um deles, Orlando Roberto, de 47 anos, diz que eles são brigados com a turma do tuchaua Zé Correia. João Batista da Silva — um dos mais calmos e amistosos — diz que eles se separaram da tribo há vários anos, desde que um índio baleou 4 parentes seus, tendo matado um tio.

Por isso vivem desgarrados, havendo parentes seus até na região de Sena Madureira. Dizem que não tem cacique e nem são assistidos pela Funai. Aliás, afirmam que sequer pediram ajuda ao órgão porque não acreditam que este faça algo por eles. Enquanto isso, vão sobrevivendo dos restos que ganham nos mercados da cidade.

— A gente não tem o que comer. Só come banana podre, pé de galinha e peixe que dão pra

gente — diz a índia Maria Elena, mostrando panelas velhas com restos de mingau de banana, uma espécie de caldo grosso com várias misturas e outras bananas, já estragadas.

Ela diz que está naquele local esperando por sua mãe, Adelina, que, segundo diz, é “da turma do Zé Pequeno”, que é assistida pela Funai. “Ela vai trazer dinheiro e eu vou comprar uma rede pro meu filho pequeno”, explica apontando para uma pequena rede onde está um bebê. Aproveita para dizer que não tem leite para as crianças — 2 meninos e duas meninas, todos bem pequenos — e pede alguns trocados. Outra índia, Ana Renaro, diz que quer uma dentadura.

Ao que parece, eles nem sabem direito a quem se dirigir para conseguir apoio. João e Orlando dizem que ir a Funai não adianta. Isso só quem poderia resolver era o prefeito, o governador e o presidente da República.

**Marginais vivem ameaçando**

A presença dos índios parece ter dado mais vida ao igarapé São Francisco. Mulheres lavam roupa e se banham na beira do rio enquanto crianças nadam no meio à risadas e gritos alegres. Subindo o barranco um tanto íngreme e de barro bem vermelho, já na área plana, estão as 4 cabanas. Cobertas com palha e papéis, sem paredes e com assoalho feito com pedaços de tábuas.

Cozinham em espécies de pequenas fogueiras onde, ontem, assavam pei-

xe. Pelo meio das pequenas casas, crianças comiam com as mãos ou tomavam um caldo grosso também direta na panela. Tudo muito natural, assim como correr descalço pela mata.

**MARGINIAIS PERSEGUEM**

Em meio a tudo isso, índias mais jovens aproveitavam para se pintar. Inclusive, segundo os índios, as mulheres veem chamando a atenção dos marginais. João e Orlando contam, por exemplo, que geralmente por volta de uma

hora da tarde, operários das indústrias locais vão até a área onde eles estão morando, na tentativa de pegar as índias. Como não conseguem, ficam jogando pedras nelas.

Dizem, inclusive, que ainda ontem, esses homens voltaram a perseguí-los, com pedradas. Só saíram do local quando os índios correram atrás deles armados de faca. E continuam alertando: Se esses homens continuarem a perseguí-los, podem matá-los para se defenderem.